

Manual de História - Volume Dois pág. 130 - 160

As mutações na expressão da religiosidade: Ordens Mendicantes e Confrarias

Na Idade Média, a **cidade** surgia como um espaço de contrastes que se acentuavam à medida que cresceram as actividades económicas motivadas pelo desenvolvimento económico dos séculos XII e XIII, o que conduziu a mudanças económicas e sociais na Europa Ocidental.

Nos meios rurais e urbanos o comércio e os negócios permitiram acumular riqueza à **burguesia**, mas também ao **clero**, permitindo aos ricos serem mais ricos, os quais rivalizam entre si na ostentação, no luxo, nas vestes enquanto se assiste à vida de mendicidade dos pobres (vindos dos campos, sem trabalho e remuneração incerta, sem família nem amigos a quem recorrer).

É neste contexto de pobreza que se desenvolvem laços de solidariedade, de união e cooperação e que no tempo se estruturam em organismos de solidariedade destinados à ajuda mútua e à prática da caridade. Para este espírito e esta nova forma de união foi importante o contributo de renovação espiritual trazido pelas **ordens mendicantes** (que possibilitaram através da pregação uma mentalidade mais fraterna e preocupada com o sofrimento alheio).

Esta união era tanto mais necessária e justificava -se porque a igreja católica afastava – se dos ideais de pobreza, identificando – se com as classes sociais mais poderosas e ricas (o alto clero vivia no luxo, na riqueza, no fausto, na abundância). Este clero cresceu em riqueza graças a doações de bens que lhe foram concedidos, associados à decadência dos seus costumes (afastaram – se dos ideais de pobreza, de amor ao próximo e simplicidade, preferindo viver no luxo, opulência e riqueza).

Esta postura levará ao descontentamento de muitos crentes, que se afastaram do catolicismo, aderindo a heresias (desvios religiosos), severamente punidos pela igreja.

É neste contexto de descrença católica que irão surgir dentro da igreja, movimentos de contestação ao luxo do clero, propondo o retorno à humildade, simplicidade e pobreza original do cristianismo, dos quais se destacam:

Os Franciscanos – *Ordem fundada por S. Francisco que nasceu em 1182, na cidade italiana de Assis.* Filho de um rico mercador desta cidade, irá até aos 20 anos ter uma vida de boémia. Será devido a uma grave doença que a sua atitude irá mudar, renunciando aos bens materiais e passar a dedicar-se aos outros, pregando a palavra de Deus. A sua linha de orientação partirá de uma frase do Evangelho “ **E pondo-vos a caminho, pregai, dizendo que está próximo o reino dos Céus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demónios; de graça recebestes, de graça dai. Não queirais possuir ouro nem prata, nem dinheiro nos vossos bolsos, nem albergue no caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão; porque digno é o operário do seu alimento**” (Mat, X, 7-10).

A ordem que fundou em 1209 (ordem dos frades menores), vivia na pobreza absoluta, dedicando – se a praticar o bem, vivendo da esmola e vestindo como os mais pobres, de forma humilde e condenando o

luxo da igreja, defendendo a pregação, a ajuda aos mais infelizes e necessitados trabalhando e esmolando para garantir o sustento diário, daí a designação de **Mendicantes**.

Após a sua morte em 1226, os franciscanos irão instalar – se em conventos, mas estarão sempre junto das populações e contribuirão para reconciliar os crentes com a igreja.

Em Portugal a ordem fundou os primeiros conventos em Alenquer e Guimarães, mais tarde em Lisboa e Coimbra, destacando – se, contudo, o convento de Leiria que servia de albergue a mendigos e peregrinos.

A ordem dos Dominicanos – Fundada pelo espanhol S. Domingos de Gusmão, em 1215, partilhava os mesmos ideais da ordem dos Franciscanos, valorizando a pregação e o combate às heresias. Os seus membros dedicavam – se ao estudo da Teologia, destacando – se nesta área S. Tomás de Aquino. Distinguiram – se no desenvolvimento das universidades.

Concluindo: As ordens mendicantes contribuíram para a renovação da vida religiosa e das vivências comunitárias medievais, consolidaram sentimentos de solidariedade e de amor ao próximo e inspiraram a criação das Confrarias e outras associações de socorros mútuos. A acção destas ordens desenvolveu – se quer nos meios rurais quer urbanos: alguns destes monges ensinaram em universidades, tornando – se famosos. Em Portugal destacaram – se Santo António de Lisboa, Pedro Hispano (Papa João XXI), e Santo Alberto Magno.

AS CONFRARIAS – Associações de solidariedade medieval que irão crescer em grande número e alcançar um grande grau de organização. Eram associações de entreajuda, com carácter religioso que se organizavam sob a protecção de um santo protector.

Podiam existir em grande número dentro da mesma cidade, agrupando homens ligados pelo ofício, pelos laços de vizinhança ou devoção ao mesmo santo (sendo estas as mais frequentes, porque os seus membros estavam organizados em corporações (Exº Sapateiros, ourives, carpinteiros) que agrupavam trabalhadores do mesmo ramo e regulamentava de forma rígida todos os aspectos relacionados com a profissão (salários, preços, qualidade dos produtos), e promoviam os laços de solidariedade social.

Cada confraria tinha os seus estatutos que definiam o tipo de ajuda, os actos de caridade pública a desenvolver, distribuição de esmolas, manutenção de hospitais, eventos religiosos a realizar (missas, procissões, festas). Os fundos destas confrarias eram conseguidos através de quotização anual dos sócios ou ofertas dos confrades mais ricos.

AS PRIMEIRAS ESCOLAS URBANAS

Até ao séc. XI era nos mosteiros que se centrava o saber, com as suas livrarias (scriptorium) e as suas escolas monacais, visando a preparação dos candidatos a monges sendo a escrita e a leitura privilégio de monges e clérigos.

Com o crescimento das cidades, o papel das escolas monacais (que se inseriam no espaço rural), irá decair e **surtem as primeiras escolas urbanas - as escolas catedrais**, situadas no centro das cidades, incluem agora como estudantes, clérigos e leigos, procuram responder a novas necessidades de administração e economia da cidade (são necessários juristas para os tribunais, notários e escrivães para as repartições

publicas, necessárias para o registo de volumes de trocas das grandes companhias comerciais), e aos príncipes nas suas chancelarias.

Nas cidades mercantis de Londres, Florença ou Veneza fundaram – se escolas algumas privadas onde se leccionava Lógica, Gramática, Aritmética.

AS UNIVERSIDADES

A partir do séc. XII algumas escolas catedráticas irão ter fama internacional, promovendo a especialização dos seus estudantes (nacionais e estrangeiros) em Direito, Teologia ou Medicina. Face à necessidade de uma organização mais rígida, de tipo corporativo, irão estruturar – se cada vez mais nas matérias a leccionar, nos graus académicos a promover, bem como a defesa dos seus membros (docentes e discentes). **A esta nova forma de organização chamou – se Universidade (universitas):** Duas das escolas catedrais que se organizaram nestes moldes foram as de *Notre –Dame, em Paris e a de Bolonha.* A primeira notabilizou – se no ensino de Teologia e a de Bolonha em Direito, sendo frequentadas por mais de 3000 a 6000 estudantes.

Os estudos universitários organizaram - se em Faculdades, termo que designa o grupo de professores e alunos de um mesmo ramo de saber. Todas tinham a área de **Artes Liberais** (eram formadas por sete disciplinas agrupadas no **trivium** (*gramática, Retórica e Lógica*), e no **quadrivium** (*Aritmética, Geometria, Astronomia e Música*). Tinha a duração de seis anos, iniciando – se entre os 14 e os 16 anos, conferindo o grau de licenciado. Após especialização em Artes, o estudante podia especializar – se em Medicina, Direito ou Teologia, obrigando a mais seis anos de estudos ou 15 no caso da Teologia. O ensino baseava – se na leitura e comentário pelo mestre dos escritos das autoridades sobre os assuntos tratados.

A PRIMEIRA UNIVERSIDADE PORTUGUESA

A partir do séc. XIII as universidades passaram a estar sob a tutela nacional, ligadas ao estado. Fundar e privilegiar universidades, tornou – se uma tarefa régia, embora ainda dependentes do aval e supervisão da igreja. No caso português, a fundação do Estudo Geral de Lisboa, criado no reinado de D. Dinis, em 1290, funcionando com as faculdades de Artes, Direito Canónico, Leis e Medicina. Em 1308 foi transferida para Coimbra, voltando a Lisboa, contudo irá fixar – se definitivamente em Coimbra a partir de 1537. Em Coimbra, para além da escola episcopal que funcionava na Sé, funcionava já o estudo de Teologia, nas escolas dos mosteiros de Santa Cruz.

A cultura Leiga e Profana nas cortes régias e senhoriais - O ideal de Cavalaria

As cidades irão beneficiar do clima de paz que a Europa viveu entre os séculos XI e XIII, o que irá favorecer a produção cultural. O gosto pela erudição, pela vida requintada terá influência no mundo citadino, nas cortes dos reis e grandes senhores. Os nobres passam a identificar – se com o cavaleiro ideal (bom, corajoso, desinteressado, capaz de defender as causas dos fracos e da justiça, de cortejar a sua dama, segundo as regras do “Amor Perfeito”). Esta nova vivência cortesã será contada através da

Literatura, onde se retratam os ideais cavaleirescos, se exprimiram sentimentos amorosos, se honram as memórias dos antepassados.

O Ideal de Cavalaria

A partir do séc. XIII, a nobreza identificava – se com um ideal – o de **Perfeito Cavaleiro**, o que implicava um conjunto de factores:

1. Bom nascimento – Aspirar à cavalaria implicava ser Nobre. Todos aqueles que o não fossem seriam excluídos das suas fileiras.

2. Implicava ser possuidor de um conjunto de **virtudes militares** (honra, coragem, lealdade, virtude e piedade), estes dois últimos como reflexo do ideal profano e religioso, presente na cavalaria. Exº O cavaleiro combate por Cristo e o arcanjo S. Miguel, chefe dos exércitos celestes que defendem o trono de Deus, considerado o fundador da cavalaria. É por ele (arcanjo S. Miguel) mas também por modelos humanos, nomeadamente os grandes vultos da Antiguidade (Aníbal, César, Alexandre), ou o lendário rei da Bretanha (Artur e os cavaleiros da Távola Redonda), que todos os cavaleiros devem guiar -se. Foram todas estas figuras que foram objecto de narrativas romanceadas (**a narrativa de cavalaria**), destacando – se as **novelas Asturianas** - A sua acção inicia – se a partir da Bretanha, onde o rei Artur em conjunto com os seus cavaleiros, numa tábola redonda procuram o Santo Graal, o cálice místico onde José de Arimateia teria recolhido o sangue de Cristo na hora da Paixão.

Na Península – o interesse por estas narrativas terá expressão no séc. XIV, no romance “Amadis de Gaula”. Amadis, jovem virtuoso, destemido e apaixonado tornou – se no modelo de cavaleiro andante, que percorre todo o mundo em defesa das causas nobres, sendo recompensado no fim com o amor da sua dama, Oriana, a Sem Par (cuja beleza não tem par).

Os ideais cavaleirescos concretizavam – se através de uma **educação rigorosa**, com provas de destreza e valentia. Só depois o jovem tinha a suprema honra de ser armado cavaleiro, passando a integrar uma das muitas ordens de cavalaria.

A EDUCAÇÃO CAVALEIRESCA

Passava por diversas fases: Após os primeiros cuidados da mãe, o rapaz era enviado para uma “casa grande” (paço de um senhor de maior estatuto onde ficava até a idade adulta). Aqui servia primeiro como **pajem (durante sete anos)**, iniciando – se na equitação, no manejo das armas. Já adolescente e conhecedor da arte de cavalgar, tornava – se **escudeiro**.

Como escudeiro - Servia durante outros sete anos um cavaleiro, tratando do cavalo e das armas, acompanhando – o nas expedições, assistindo – o em tudo o que fosse necessário. Durante este período o jovem tinha um treino intenso, de forma a adquirir a mestria técnica necessária à sua condição de cavaleiro. Em tempo de paz os cavaleiros e escudeiros exercitavam – se em **torneios, justas**, caçadas (montarias).

Finalmente, após 14 anos de aprendizagem, o jovem escudeiro proferia os votos da cavalaria (eram votos sagrados de grande significado espiritual, que incluíam um ritual solene). Por último o escudeiro era

investido numa ordem de cavalaria, recebendo as esporas de cavaleiro, a espada “emblema do direito e do dever de combater”

O AMOR CORTÊS E SUA INFLUÊNCIA NA LITERATURA

O CAVALEIRO - Capaz das maiores proezas guerreiras, deve ser delicado e tímido em frente da sua dama. O código de cavalaria implica também um código de amor (um conjunto de regras que dizem a quem e como se deve amar, definindo o lugar que o amor ocupa na vida do cavaleiro ideal) – **o cavaleiro é o herói que serve por amor. A corte será o espaço de convívio entre os dois sexos e que irá possibilitar a partir do séc. XII o aparecimento do amor cortês.**

O amor cortês é essencialmente espiritual, no qual o amante cortês (exemplo de educação e refinamento), é abnegado e virtuoso, contem -se nos gestos e nas palavras, é paciente e procura, através da bravura das suas acções ganhar a sua DAMA.

DA DAMA – Espera – se que corresponda ao tipo idealizado de mulher: Serena, bela, bem-falante, mas recatada, discreta, capaz de alimentar a tensão amorosa com um sorriso, a dádiva de um lenço, de um anel, mais tarde um beijo.

O amor cortês será caracterizado através da **Poesia Trovadoresca**, que o tornou tema central das suas composições. Nasceu no Sul de França (Provença) e irá espalhar – se por todas as corte europeias através de trovadores e jograis, animando os serões com os seus versos. **Outros escritos focando o tema do amor como o “Romance da Rosa”**, no qual a Rosa simboliza a amada, que só após duras provas pode ser “colhida” pelo seu cavaleiro, foi objecto de verdadeiro culto.

Na **Península Ibérica** a poesia trovadoresca teve o seu desenvolvimento com Afonso X, o Sábio, rei de Castela e avô de D. Dinis. Em Portugal foi a primeira forma de literatura em língua portuguesa, assumindo dois géneros: As Cantigas de Amigo e as Cantigas de Amor. O amor foi uma componente da sociabilidade cortesã e da **cultura erudita**.

O CULTO DA MEMÓRIA DOS ANTEPASSADOS

A Literatura Genealógica – “Naquele tempo os mortos estão vivos, ninguém duvida”, segundo Georges Duby. Contudo estão vivos nas recordações dos seus descendentes, da sua linhagem, que frequentemente os evoca, os relembra. Esta memória dos antepassados é característica de famílias nobres que assim trazem ao presente os feitos da sua ascendência, nos salões do castelo como forma de os passar de boca em boca. Para não se perderem fizeram – nos escrever, nascendo assim a literatura genealógica que se irá difundir pela nobreza europeia entre os séculos XIII e XIV. Em Portugal este género deu origem aos livros de linhagens ou nobiliários (procurava – se assim acautelar os direitos patrimoniais das famílias de fidalgos, pondo em evidencia o papel que tiveram na reconquista do país aos mouros). A este propósito destacam – se algumas obras como o **3º Livro de Linhagens** da autoria de D. Pedro, o nobiliário do Conde D. Pedro, espécie de história universal escrita numa perspetiva genealógica.

ROMARIAS E PEREGRINAÇÕES

O fervor religioso era uma forma de vencer as dificuldades na Idade Média. A religião concretizava – se através da prática de determinados rituais, dos quais se destacam a oração nas horas canônicas, a assistência aos ofícios religiosos, a confissão, a penitência, os jejuns e as peregrinações, práticas fundamentais para alcançar a vida eterna, realizadas nas igrejas, capelas, ermidas, onde se podiam encontrar imagens dos seus santos patronos. Estas peregrinações podiam ser feitas localmente, o que implicava viagens curtas (**romarias**), onde se pagavam promessas, participavam nas missas, procissões. As romarias foram uma das expressões da cultura Medieval.

As Peregrinações reavivaram – se a partir do séc. XI. Feitas de forma individual ou em grupo, preparadas de forma cuidadosa, tendo guias especializados (O Guia de Santiago, que prestava informações sobre itinerários, distancias, locais de paragem), abarcavam todas as camadas sociais (homens, mulheres, crianças, velhos e novos, doentes e sãos, grandes senhores, humildes e mendigos), tendo como principais destinos Jerusalém (cenário da paixão e da morte de Jesus, a mais importante que redimia todos os pecados pessoais); Roma, sede do papado e local de martírio de S. Pedro, que aí repousava; e Santiago de Compostela, onde em meados do séc. IX se encontrou um túmulo identificado como sendo o do Apostolo São Tiago. Ao longo dos caminhos seguidos pelos peregrinos abundavam mosteiros, albergarias, hospitais, que garantiam alguns cuidados básicos (cama, aquecimento, água). Após chegarem ao local de culto, recebiam a bênção e as indulgências, passavam o tempo próximo dos seus santos para receberem a sua força sobrenatural.

BOM TRABALHO